

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-069-8
DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMÉU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM *HÁ VINTE ANOS, LUZ* DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ

Margareth Torres de Alencar Costa

UFPI-UESPI, PPGEL, Teresina-Piauí

Naira Suzane Soares Almeida

UFPI, PPGEL, Teresina-Piauí

RESUMO: As questões relativas à literatura de testemunho têm sido abordadas pela teoria psicanalítica em conjunto com a literatura, são vistas ao longo da história como forma de denúncia dos abusos de poder nas ditaduras pela América Latina. O romance é um processo de releitura da ditadura militar na Argentina com uma visão pessoal de Luz, a personagem principal, que aos vinte anos depois de ter um filho vai à busca de sua identidade, remonta-se aos meninos e meninas nascidos em cativeiro na última ditadura argentina. O problema norteador da pesquisa: Como a memória do trauma é representada através da personagem Luz em *Há vinte anos, Luz* de Elsa Osorio? O objetivo deste trabalho é destacar em *Há vinte anos, Luz*, de Elsa Osorio, a representação do trauma através da personagem Luz na ditadura militar. Este estudo se apoia no aporte teórico proposto por Foucault (1987), Freud (1975), Friedlander (1992), Huyssen (2000), Seligmann-Silva (2000) e Rudge (2006). E a contribuição de outros teóricos que se mostraram necessários no decorrer do trabalho. Nossa pesquisa é bibliográfica produzida com

base em material elaborado constituído de livros, artigos científicos, entrevistas e revistas. Conclui-se que existem marcas de trauma na memória de Luz vivenciadas em sua primeira infância.

PALAVRAS-CHAVES: Testemunho. Literatura e psicanálise. Memória do trauma. Ditaduras militares.

ABSTRACT: Issues related to the literature of testimony have been approached by psychoanalytic theory along with literature are seen throughout history as a way of denouncing abuses of power in dictatorships in Latin America. The novel is a process of re-reading the military dictatorship in Argentina with Luz's personal point of view, the main character, who, twenty years after having a son, seeks one's identity, she steers to the boys and girls who were born in captivity in the last Argentine dictatorship. The guiding problem of this research is: How is the memory of trauma represented through the character Luz in *Há vinte anos, Luz* by Elsa Osorio? This work aims to highlight in *Há vinte anos, Luz*, by Elsa Osorio, the representation of the trauma through the character Luz in the military dictatorship. This study is based on the theoretical contribution proposed by Foucault (1987), Freud (1975), Friedlander (1992), Huyssen (2000), Seligmann-Silva (2000), Rudge (2006) and other theorists who are

necessary in the work. Our research is bibliographic produced based on elaborate material consisting of books, scientific articles, interviews and magazines. We conclude that there are marks of trauma in Luz's memory experienced in her infancy.

KEYWORDS: Testimony. Literature and psychoanalysis. Memory of trauma. Military dictatorships.

1 | INTRODUÇÃO

A trama *Há vinte anos, Luz* é um romance criado pela escritora argentina Elsa Osorio – reeditado por Colihue, reporta-se a uma conversa que ela teve com um menino adotado em uma viagem que realizou a Argentina já que vivia em Madrid, quando teve uma ideia, como vive um (a) menino (a) que ninguém o procura? A partir daí começou a escrever a obra.

O romance é um processo de releitura da ditadura militar na Argentina com uma visão pessoal de Luz, a personagem principal, que aos vinte anos depois de ter um filho vai à busca de sua identidade, remete-se aos meninos e meninas nascidos em cativeiro na última ditadura argentina que aprisionavam e matavam os considerados militantes de esquerda, os subversivos, às mulheres grávidas roubavam-se as crianças e davam aos chefes militares.

Osorio tentou publicar seu livro na Argentina, entretanto ninguém ficou interessado em um tema pós-ditatorial que ainda era considerado um tabu, foi na Espanha que se conseguiu a impressão e publicação, sua primeira edição foi em novembro de 1998. De acordo com o repórter Patagonia em 22 setembro de 2014 recebeu o prêmio Amnesty International e leva mais de meio milhão de exemplares vendidos em todo o mundo, foi traduzida a dezesseis idiomas e editada em vinte três países.

Curiosidades sobre a obra, muito tempo posteriormente foi publicada em Buenos Aires, mas não teve a mesma repercussão que nos outros países, alguns argentinos preferem não conhecer a história de horror de seu país, outro motivo é que como se fala da burguesia e dos militares, alguns ainda ocupam cargos no governo, a verdade é que esse assunto incomoda a muitos, de um lado os beneficiados com a ditadura e do outro existe aqueles em que causa comoção e revolta, os afetados pelos crimes nesse período.

Baseado no artigo de TAYAS TOLL (2012) Elsa Osorio fez parte da Associação Argentina de Direitos Humanos em 2005 contra o genocídio argentino que levava o juiz Baltasar Garzón.

Osorio atualmente vive na Argentina, no entanto não integra a nenhum grupo, ela acredita que foi a partir das lutas das mães e avós que se conseguiram algum resultado positivo, não foi através do governo, Elsa responde sobre esse tema “surgiram diferenças entre os órgãos de direitos humanos porque sua postura é diferente a respeito do governo e outras questões, mas os processos. Judiciais seguem adiante, temos chegado aonde talvez nenhum outro país latino-americano tenha chegado”.

Elsa Osorio (Buenos Aires, 1952-) é escritora argentina, autora de vários contos e roteiros cinematográficos, assim como dos romances *Há vinte anos*, *Luz* (1998), *Céu de tango* (2006), *Beco com saída* (2009) y *A Capitã* (2012).

O objetivo deste trabalho é destacar em *Há vinte anos*, *Luz*, de Elsa Osorio, a representação do trauma através da personagem Luz na ditadura militar. Alguns problemas são peças chaves na pesquisa, o que é trauma? E como se deu o processo ditatorial na América Latina?

2 | MARCO TEÓRICO

Este estudo se apoia no aporte teórico proposto por Foucault (1987), Rudge (2006), Seligmann (2000), Friedlander (1992), Freud (1975) e a fortuna crítica existente sobre o tema.

De acordo com Rudge (2006, p. 26-27) no sentido psicanalítico, a repressão propriamente dita designa os efeitos de coerção do Outro sobre os processos de subjetivação, a repressão faz com que as pessoas repitam compulsivamente os desempenhos miméticos e idiotizados, de forma a impedi-los de buscar outros para diferenciarem do próximo. A psicanálise se posiciona no mundo como prática e discurso subversivo.

A ditadura no Brasil (1964 – 1985) também foi marcada pela violência sem limites, às torturas e interrogatórios já faziam parte do regime ditatorial vivido para conseguir todo tipo de informação “verdadeira” pelas Forças Armadas, Polícia Militar, Marina e Aeronáutica. Os direitos dos cidadãos foram retirados em essa época, não se tinha direito a habeas corpus, quem era considerado subversivo, contra o governo, era sequestrado, torturado e possivelmente também morto.

Fazendo um giro na América Latina podemos verificar outros modelos de países autoritários que devem para muita gente serem denunciados, pois enlutou a muitas famílias, alienou mentes, deixou marcas de traumas em milhares de vítimas, proibiram manifestações culturais, reivindicações dos direitos civis, em quanto deixava na miséria a maioria da população.

Na ditadura chilena, o “Pinochetazo” foi um golpe que o ditador Pinochet liderou contra o governo democrático e com tendências socialistas de Salvador Allende. Aproximadamente vinte mil pessoas foram mortas ou ficaram desaparecidas, vítimas do sistema militar vigente, que ademais provocou centenas de milhares de presos e exilados políticos. (PINSKY, 2004, p. 122-123) A tortura foi utilizada como instrumento repressor, assim como o toque de recolher, a censura da imprensa, o estado de sitio, a proibição de partidos com tendências marxistas, o encerramento do congresso e muitos outros.

A ditadura no Uruguai em 1975, o país depende das potências capitalistas Alemanha e Itália, delas recebe os preços, os empréstimos, os técnicos, os carros, assim como também a ideologia nazista e fascista. Os ditadores são patriotas de uma

pátria que não é a sua, de 73 a 74 vinte mil pessoas passaram por cárceres, a tortura faz parte da prática do interrogatório. (PINSKY, 2004, p. 125) Foi proibido pensar, o regime usa palavras como – Pátria, Família, Propriedade – como disfarce da opressão e o horror da ditadura.

Os quartelazos da Bolívia, o país é conhecido pelos inúmeros golpes de Estado, mais de 190 quartelazos, bem ou mal sucedidos, em 159 anos de independência política, quase duzentos golpes militares, ademais de oitenta presidentes da República que dá em média menos de dois anos de governo a cada um. Considerado um dos países mais pobres da América Latina com uma renda per capita que não atinge a cifra de 900 dólares anuais, seu produto de exportação é o estanho, por conseguinte é a cocaína que ocupa milhares de camponeses e é o fator de equilíbrio político nacional.

Observa-se que dos anos 60 até o fim da década de 70 houve uma propagação de ditaduras no continente, visto que, em 1979, somente México, Costa Rica, Colômbia, Venezuela e República Dominicana eram considerados democráticos.

A Ditadura Militar na Argentina ou a Revolução Argentina, renomeada como Processo de Reorganização Nacional teve incontáveis sucessões de golpes de Estado (1930, 1943, 1955, 1962, 1966 e 1976), sete anos de ditadura, Argentina passou por inúmeras atribulações, a última ditadura militar foi a de (1976) em que Osorio baseia sua obra, uma das mais cruéis e sangrentas, que conta os sequestros das crianças de cativoiro, a través da história de Luz a protagonista.

As avós da “Plaza de Mayo” tiveram mais sorte do que as mães que iniciaram seu movimento em 1977, as mães não conseguiram encontrar nenhum dos filhos “desaparecidos”, já as avós em esse mesmo período descobriram 28 dos (das) 180 meninos (as) sequestrados (as) juntos (as) com seus pais ou nascidas em cativoiro nos cárceres clandestinos do regime militar. O regime ditatorial da Argentina torturou crianças, jovens, adultos, de estudantes a freiras, com o pretexto de acabar com a subversão acabou matando crianças também. Exemplo disso é: A noite dos lápis, massacre de adolescentes de 14 a 17 anos realizado pelos militares argentinos. Veja a seguir o testemunho de Pablo Díaz em uma noite de 1976: “Me disseram que eu ia conhecer a máquina da verdade”, ele recordou, “e fiquei aliviado, pois imaginei que a máquina, que eu conhecia do cinema, iria me inocentar. Pensei que fosse um detector de mentiras. Na verdade, me queimaram os lábios com choques elétricos”.

Ao fim de sete anos de ditadura militar, o processo de democratização argentina dá seus primeiros passos no dia 30 outubro de 1982, 18 milhões de eleitores vão às urnas para eleger um congresso, 22 governadores de província, e assembleias locais, prefeitos e conselheiros em todo o país. Participa da eleição do presidente da República a través de um Colégio Eleitoral. Uma tarefa nada fácil conduzir o país depois de um logo período ditatorial com uma grande dívida externa.

Apontou-se como temas principais a memória, a história e o trauma, pois se percebeu na obra *Há vinte anos, Luz* que são os temas mais relevantes. A obra é um testemunho da história da jovem chamada Luz que vai a alinhar sua historia da

ditadura a través das memórias de vários personagens que aos poucos montam o quebra-cabeça levando ao final a sua verdadeira identidade.

No período se obtém o número de 30.000 desaparecidos no regime militar argentino, como diz (SELIGMANN – SILVA, 2000, p.73) a catástrofe não é um campo de reflexão filosófica novo, o que mudou foi sua definição. A experiência prosaica do homem moderno está repleta de choques, de embates com o perigo.

Recordando a exterminação dos judeus na Europa, (FRIEDLANDER, 1992, p. 2. 4) afirma “a forma de genocídio mais radical da história.” Para ele “existem limites na representação que não deveriam ser transgredidos, mas que podem facilmente o ser.”

A obra literária é uma ficção baseada na realidade da última ditadura militar argentina em 1976, que Osorio aproxima o romance dos fatos reais colocando os anos de 1998 no prólogo e no epílogo, dividida em três partes o livro, a primeira parte no ano 1976, a segunda em 1983 e a terceira em 1995 – 1998, com dezessete capítulos, tendo os fatos da descrição ordem cronológica, com entre cortes na história para o diálogo de Luz com seu pai biológico Carlos Squirru a quem narra os acontecimentos.

É considerada uma obra de testemunho, pois conta a história da ditadura militar na Argentina com o olhar de Elsa Osorio uma argentina nativa que se exilou na Espanha por vontade própria, ela dá voz à personagem feminina Luz que vai narrar em primeira pessoa seu testemunho, o que havia presenciado, escutado, como uma sobrevivente do cativo.

As obras de testemunho surgiram na América Latina com o intuito de denunciar o período autoritário vivido por muitas pessoas que ficaram com as marcas desse passado, o trauma, uma das maneiras encontradas para superar esse trauma foi escrevendo, contando suas histórias, suas memórias, derrubando as máscaras e tirando a venda de seus olhos.

A respeito do conceito de testemunho afirma (SALGUEIRO, 2012, p. 2) o testemunho, por excelência, é fato/dado/produzido/elaborado pelo sobrevivente. Existem, igualmente, os testemunhos de terceiros e de solidários.

As literaturas de testemunho da América Latina podem ressaltar a luta da índia guatemalteca Rigoberta Menchú com a obra *Eu, Rigoberta Menchú*, e o “romance-testemunho” *Biografía de un cimarrón* (1966), do cubano Miguel Barnet.

Reconhecer a literatura de testemunho é da força e voz à minoria excluída do poder, é um duplo desafio fazer com que o leitor consiga saber quem são os excluídos e reconhecer sua fala. O testemunho se tornou uma modalidade de suma importância em nossa relação com os acontecimentos de nosso tempo. Para (SELIGMANN – SILVA, 2000, p.90) o testemunho deve ser visto com uma forma de esquecer, um “fugir para frente” em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também a través do testemunho se consegue a libertação da cena traumática.

O testemunho na obra a autora “silencia”, entretanto deixa sair a “realidade” que é a ficção, dando oportunidade para conhecer o testemunho das personagens que traçam a história, Luz que metaforicamente representa as 500 crianças desaparecidas,

dados das “Abuelas de Mayo”, ela que sai da escuridão para saber sua origem indo à busca do conhecimento de sua verdadeira identidade a través dos rastros deixados no passado.

O trauma é um dos conceitos chaves da psicanálise já que o tratamento psicanalítico é fazer a reconstrução do trauma vivido. (SELIGMANN – SILVA, 2000, p. 84) considera como trauma uma ferida na memória. Para (FREUD, 1975, p. 239) é caracterizado pela incapacidade da recepção de um evento que ultrapassa os “limites” de nossa percepção e se torna algo sem forma.

O que é relevante para essa pesquisa na teoria de Freud é a relação do trauma, esse choque que faz com que o fato vivenciado fique na memória como um distúrbio, que chega a transbordar nossa percepção. Não se pode haver mais espaço para uma obsoleta objetividade dentro desse registro da história como trauma.

Os assassinatos em massa desde os campos de concentração, as prisões clandestinas nas ditaduras militares, o terrorismo atual no Oriente Médio estamos cobertos de terror, as guerras de tráfico nas cidades grandes, a violência, a barbárie de difunde sem temor, vergonha, pudor ou piedade, gerando traumas.

O desaparecimento dos suplícios é pois o espetáculo que se elimina; mas é também o domínio sobre o corpo que se extingue. Em 1787, dizia Rush: Só posso esperar que não esteja longe o tempo em que as forças, o pelourinho, o patíbulo, o chicote, a roda, serão considerados, na história dos suplícios, como as marcas da barbárie dos séculos e dos países e como as provas da fraca influência da razão e da religião sobre o espírito humano. (FOUCAULT, pág. 14)

No ponto de vista de Bernardo Fuks as consequências psíquicas não podem ser medidas de um modo generalizado, o real somente é mensurável a partir do modo de como cada um foi atingido em sua condição subjetiva enlutada.

Um exemplo de trauma na América Latina foi o massacre no Carandiru em 02 de outubro de 1992 em São Paulo - Brasil que o rapper André Du Rap sobreviveu, ele se recorda das balas nos cárceres, teve que se esconder entre os corpos dos colegas mortos, quando de repente apagou, ele acredita que somente pode ter sido um milagre de Deus.

Outro exemplo de trauma, mas ficcional é o filme “La cautiva” (2005), de Gastón Biraben que tem como enredo a história de crianças desaparecidas, a protagonista é Cristina (Bárbara Lombardo) que na realidade é Sofía Lombardi filha de arquitetos desaparecidos na década de 70, que vai a busca de sua identidade.

Pode-se perguntar: quantas feridas as ditaduras militares deixaram?, será que as avós que tiveram seus netos roubados tiveram a coragem de buscá-los?, quantos corpos desaparecidos sem identidade?, quantos cárceres clandestinos haviam na realidade?, quantos soldados ficaram impunes com a lei da obediência devida?, muitas lacunas na história, pode-se afirmar que a década de 70 é considerada como um período de escuridão, que os direitos de muitos foram retirados abruptamente, a liberdade: de expressão, de livre arbítrio, de ir e vir.

De acordo com Foucault ao longo dos anos houve muitas práticas de violência

e o castigo era maior ou menor devido ao grau de hierarquia que o indivíduo se encontrava.

A ordenação de 1670 regeu, até à Revolução, as formas gerais da prática penal. Eis a hierarquia dos castigos por ela descritos: A morte, a questão com reserva de provas, as galeras, o açoite, a confissão pública, o banimento. As penas físicas tinham, portanto, uma parte considerável. Os costumes, a natureza dos crimes, o status dos condenados as faziam variar ainda mais. (FOUCAULT, pág. 35)

Baseado em (FOUCAULT, p. 59) o interrogatório é um médio impreciso para chegar à verdade dos fatos, a culpados que passam “certezas” suficientes para esconder a verdade e existem inocentes que são tão atormentados que acabam confessando um crime que não cometeram.

3 | A LEITURA DO ENREDO E DO TRAUMA EM *HÁ VINTE ANOS, LUZ DE ELSA OSORIO*

Na trama *Há vinte anos, Luz* de Elsa Osorio, narra a história de Luz uma menina nascida em cativo, que apenas aos vinte anos descobre sua verdadeira identidade, o romance é narrado por um narrador onisciente em o prólogo (1998) e em o epílogo (1998) com os diálogos das personagens, já a partir da primeira parte (1976) a narradora é Luz que conta seu testemunho para o verdadeiro pai, Carlos Squirru, de sua vida e a todos que fazem parte de ela, à terceira parte que vai até 1998.

\A obra é dividida em prólogo (1998), primeira parte (1976), segunda parte (1983), terceira parte (1995 – 1998), epílogo (1998), do primeiro capítulo até o dezessete. A história possui ordem cronológica, pois no prólogo Luz é uma mulher feita, casada com Ramiro e tem um filho que se chama Juan, vão à Espanha a conhecer seu pai biológico Carlos Squirru e contar o que viveu até chegar ali.

\Na primeira parte (1976) no capítulo um narra como ficou bonito o quarto que Miriam López havia decorado para receber o bebe, ela que era a namorada de sargento Pitiotti a quem era chamado de Animal pela força, ela que havia saído da vida de garota de programa para viver com ele, no entanto que nunca havia se perguntado o que ele fazia em suas missões. Ele havia lhe prometido um bebe, mas esse neném não sabia Mirriam que era sequestrado.

\No capítulo dois aparecem os personagens Eduardo e Mariana, são casados, vivem em Entre Ríos e estão esperando um filho no hospital quando sua mulher tem complicações no parto e seu filho nasce morto, Eduardo fica destroçado, entretanto seus sogros Alfonso (general) e Amalia, tem uma solução sequestrar um bebe vivo e pôr no lugar do filho de Mariana que nasceu morto. Nesse mesmo dia o sargento Pitiotti estava encarregado de levar uma subversiva para ter um filho no hospital, encapuzada Animal leva Liliana Ortiz ao hospital, pois já estava em trabalho de parto, tudo transcorreu bem e a menina nasce saudável. Mesmo Eduardo não concordando com o plano de seu sogro, aceita. Alfonso dá a ordem a Animal que cuide da neném

e a leve no tempo oportuno.

Mariana fica em coma no capítulo três. Liliana é levada para a casa de Miriam com a recém-nascida, nos capítulos seguintes elas se tornam amigas, traçam um plano de fugir, executam o plano, porém Liliana morre com um tiro do sargento Animal e a menina (Lili) sente tudo em seus braços. Miriam depois cria repúdio de Animal e consegue fugir com um amigo antigo que se chama Frank. Miriam tenta depois criar um plano para sequestrar Lili que é renomeada por Eduardo e Mariana seus pais adotivos que a chamam de Luz. Os anos passam e Luz já havia completado oito anos, Miriam encontra com Luz na porta da escola e diz que sua mãe não é sua mãe. Eduardo encontra uma ex-namorada que se chama Dolores, a quem os militares sequestraram o irmão Pablo e sua cunhada que estava grávida, o que influenciou Eduardo para que busca-se a verdadeira identidade de sua “filha” Luz. Quando confronta seu sogro sobre a verdade, Alfonso lhe ameaça e manda a Animal logo depois dar fim na vida de Carlos no escritório e assim o faz. Luz somente fica sabendo da verdadeira história de sua vida quando se casa com Ramiro e tem seu filho Juan, que começa a investigar, se une às “Abuelas de la Plaza de Mayo” e Miriam lhe procura em seu apartamento para contar sobre sua mãe Liliana e que também sabia o nome de seu pai, Carlos Squirru.

Uma marca da memória do trauma que se encontra ao início do romance é a passagem que Miriam recorda que aos quatorze anos foi estuprada e conta para seu namorado Animal, essa memória lhe produz raiva, vontade de matar. Pode-se fazer uma associação à teoria de (Freud, 1975, p. 239) na psicanálise que o trauma é uma ferida da memória, é caracterizado pela falta da capacidade de recepção, pois segue mais adiante da percepção.

Meu tio convidou ele para jantar, tinham sido colegas de escola. Claro que não foi lá que ele me agarrou, mas no dia seguinte, na rua, e me carregou para o terreno baldio. Ah, só de lembrar, de dá vontade de acabar com a raça dele. E eu, muito idiota, fiquei com vergonha de contar. Ele fez o que fez comigo, e quem tinha vergonha era eu! Ah, se for menina, assim que ela se entender por gente, vou logo lhe falar: se um sujeito te agarrar, te derrubar e te arrancar a roupa, você chuta o saco dele, se defende como puder, e se, mesmo assim ele te foder, você o denúncia, bota a boca no mundo. (OSORIO, 1999, p. 25)

A memória traumática de Miriam com detalhes sobre o ocorrido em uma noite quando tinha quatorze anos quando um antigo companheiro de escola de seu tio, a agarrou e a levou a um terreno baldio, foi esse episódio sombrio que a iniciou em seu trabalho de puta. Na relação com a teoria freudiana à importância do trauma é a relação com o choque, o “fantasma” dessa cena.

Miriam López se torna amiga de Liliana quando ela estava sendo mantida em cativeiro dentro da casa de Miriam. A detenta a revela que não sabe por que foi ao hospital para ter sua filha, já que as prisioneiras tinham seus filhos de qualquer forma no cárcere, sem os mínimos cuidados de higiene. Lembra-se de um episódio traumático na prisão com outra militante. Liliana não sabia por que ela tinha ido ao

hospital ter sua filha, pois uma garota que estava na prisão como ela gritava para ser levada, porque estava em trabalho de parto, no entanto teve o filho na cozinha com os guardas dizendo obscenidades e palavrões, levaram a criança e dias depois à mãe. Que nos remete à premissa psicanalítica de (Rudge, 2006, p. 27) que descreve o comportamento psíquico repressivo compulsivo que leva o sujeito a reproduzir compulsivamente comportamentos idiotas, de modo que não busque experimentar outros para diferenciar-se do próximo.

As memórias das torturas de Liliana no cárcere, ela contava a Miriam, ao passo que Miriam cantava a Luz, e lhe dizia como ocorria o terror no campo de detenção enquanto Miriam ficava imaginando como ocorria, assim como a um filme de terror, Animal não poderia saber que estava conversando com a detenta. Pode-se comparar com a teoria de (Seligmann – Silva, 2000, p. 87) o testemunho se tornou uma modalidade crucial da relação com os acontecimentos, entre o ser humano e o tempo. Na obra (Osorio, 1999, p. 68) (...) quando a levaram, o que roubaram dela, ela jogada no chão, pisoteada, com as mãos na barriga onde a Lili já estava se formando. Pode-se perceber a estilização da autora para descrever essa literatura de testemunho.

Na leitura podem-se encontrar as marcas do trauma quando Dolores regressa a Buenos Aires após anos de exílio na França, vai ao mesmo bar Dandy onde costuma esperar seu irmão Pablo que nunca apareceu para um encontro que eles haviam marcado. E segue pensando o que ocorreu com seu irmão, cunhada e sobrinho. Veio a Buenos Aires não para instalar-se, mais conectar-se com as “Abuelas de Plaza de Mayo”. Fazendo um paralelo com a teoria de Freud a vivência de um trauma leva posteriormente a compulsão da cena traumática. Por essa razão Dolores não se esquece da perda de seus familiares, essa mesma dor exige uma possível reparação, recuperar seu sobrinho ou sobrinha.

Todos esses anos na França formaram uma casquinha sobre sua ferida, mas, desde que está em Buenos Aires, a dor está exposta, à vista, ela pode palpá-la, cheirá-la, senti-la resolver-se em seu corpo. É uma dor que não a deixa em paz, que lhe pede ação, vingança, reparação. E a única reparação possível, pensa, será mover céus e terra até encontrar essa criança, sua sobrinha ou sobrinho, se é que sobreviveu. (OSORIO, 1999, p. 141)

Dolores lembrou que havia contado apenas a sua amiga Mônica que iria ver a seu irmão Pablo na segunda-feira as sete, não havia dito onde era o encontro, nem se quer recordava que havia contado a Mônica, Dolores falou para Delia sobre esse incidente traumático que fazia com que ela se sentir-se culpada. Não existem amigos na tortura, Mônica havia sido sequestrada e torturada. Para discutir (Foucault, 1987, p. 58) sobre a tortura (violência física para arrancar uma verdade que, de qualquer maneira, para servir como prova, tem que ser em seguida repetida, diante dos juízes, a título de confissão “espontânea”). Visto que Mônica não sabia de quase nada, era uma “banana” com fala Dolores.

_E por que ela se sente responsável?_Porque, quando se encontrou com a amiga, em Madri, ela lhe contou, desesperada, que tinha sido sugada e que tinha contado que Dolores ia se encontrar com o irmão.(...) se ela cantou foi porque não suportava mais a dor, os choques nos peitos, ela não sabia de nada, era uma banana... (OSORIO, 1999, p. 150)

Visto que Luz está vivendo com Ramiro, deixa Mariana “sua mãe” muito alterada e ela telefona a Marta, a mãe de Ramiro, fazendo ameaças a seu filho, sua ligação a faz lembrar os tempos de ditadura e lhe dá muito medo. Já que seu marido havia sido morto por conta de ser considerado militante de esquerda, seguramente um trauma dessa época de horrores. De acordo com (Seligmann-Silva, 2000, p. 73) a experiência do homem moderno está repleta de choques e perigos. Essas personagens inseridas no contexto da era moderna se deparam com um mundo de violências que as cerca. No fragmento a seguir mostra o diálogo de Ramiro com sua mãe.

_Nada disso, nem penso em me mexer da minha casa. Por que temos que nos esconder? – indignou-se Ramiro. – Vocês duas ficaram loucas? Em que época estamos vivendo, mãe? Que é que deu em você?_Não sei, é como uma lufada do passado, do terror daquele tempo selvagem. Tua mãe me fez sentir muito medo... como naquela época. (OSORIO, 1999, p. 283)

Luz ganha um livro de testemunhos de sua tia Laura, memórias das torturas de quem sobreviveu e pode contar a outras pessoas, escrever o que passou de tão cruel é considerado uma espécie de terapia, expor os traumas para trazer algum conforto a essas vítimas. Os testemunhos como teoriza (Seligmann –Silva, 2000, p. 89) é a “passagem” do “literal” para o “figurativo” é terapêutica. Os fragmentos abaixo são exemplos claros de violação aos direitos humanos.

Que ali mesmo onde a levaram para fazer a cesárea, aquele guarda imundo a tivesse violentado!(...) E o bebê, quem sabe onde está, com quem, dela nunca mais se soube, a morte. Pior que todas as humilhações, as surras, deve ser ir para a morte depois de dar a vida.(...) Essa galeria de horrores: os centros clandestinos, os homens e mulheres, crianças, velhos, levando choques, dependurados, queimados com isqueiros, estaqueados, encapuzados, acorrentados, esfolados, sujos, com piolhos, abandonados nas mãos daqueles assassinos. (OSORIO, 1999, p. 295)

Na marcha de repúdio ao golpe militar, quando se completa os vinte anos que se havia aberto o governo para a democracia, Ramiro estava ali como filho de um desaparecido, ele e sua mãe tiveram exilados, a jovem Luz se encontrava ali como simpatizante da causa, pois em esse momento ainda não sabia que era filha de milicos e que sua mãe havia sido morta tentando fugir com ela em seus braços. O testemunho faz-se reivindicar os direitos humanos, como argumenta (Seligmann-Silva, 2000, p. 90) que é através do testemunho que existe uma liberação da cena traumática. Todos juntos na marcha cantaram em uma só voz o seguinte: “O sangue derramado não será perdoado.” (OSORIO, 1998, p. 301)

Quando nasce Juan o filho de Luz sua mãe postiça lhe dá de presente uma mamadeira, logo sobe uma raiva incontrolável e ela joga o objeto contra a parede e fica chorando, quando fala com Ramiro seu esposo, ele tenta compreender suas

razões, ela tenta explicar o motivo dessa raiva e de toda a tristeza que estava sentindo, buscando a memória traumática de sua primeira infância.

O que significava aquela tristeza agora. Luz não sabia por que, talvez tivesse a ver com sua mãe. _E essa lembrança tinha mesmo a ver com minha mãe, com o dia que me arrancaram de minha mãe. Com minha verdadeira mãe, não com a que eu pensava ser. (OSORIO, 1998, p. 312-313)

Como se afirmou antes com (Seligmann-Silva, 2000, p. 73) que a vida de homem moderno é cheia de choques, e foi em um destes empates com sua vida entre o passado e o presente que a protagonista se dá conta que poderia haver algo de errado com sua origem.

As duas vezes que Miriam tentou fugir com Luz, mataram alguém, primeiro a Liliana e depois a Eduardo, na ditadura ou fogue ou é capturado pelos militares, golpeado (a), estuprado (a) e/ou morto (a). Isso se pode afirmar através dos testemunhos de Dulce María, Pablo Días, e tantos outros que foram encarcerados (as), torturados (as), por tanto sobreviveram para dar seus testemunhos. O testemunho é uma forma de “fugir para frente” como aponta (SELIGMANN – SILVA, 2000, p. 90), se encontra nas palavras seguramente uma forma de libertar-se do trauma. Como mostra Miriam em seu testemunho abaixo:

Nos primeiros anos nos Estados Unidos, eu tinha calafrios cada vez que pensava nas mãos de quem a Lili tinha ficado. Mas, com o tempo, aquela dor foi amainando, tornando-se mais leve, encoberta sob a nuvem do cotidiano. Só de quando em quando, de repente, brotava aquela angústia pelo destino da Lili, e eu pensava, bom, talvez eu lhe conte quando ela crescer. (OSORIO, 1998, p. 332)

Observa-se que a protagonista a pesar dos esforços de Miriam e Eduardo para revelar sua verdadeira identidade é ela própria que questiona os fatos e não se dá por satisfeita com as “verdades absolutas” que lhe são impostas dentro do âmbito familiar por Mariana sua mãe postiça e seus avôs Afonso Dufau e Amália (quem teve a ideia da substituição dos bebês), assim busca informações da época em que nasceu bem como registros anteriores e posteriores. A família verdadeira de Luz não a procurava, pois se acreditava que Liliana Ortiz havia tido um menino e que havia nascido morto.

4 | CONCLUSÃO

A pesquisa alcançou o objetivo que foi refletir sobre o período ditatorial vivido na Argentina, assim como em outros países da América Latina, Brasil, Chile, Uruguai e Bolívia, onde se encontra na fortuna crítica, “História de América através de textos”, Kucinski (2013), Nunes; Barros; Silva (2005), Salgueiro (2012) que mostram o período histórico com os acontecimentos que levaram aos períodos ditatoriais e por meio dos testemunhos das vítimas desse período de escuridão revelam as barbáries. Os militares sequestraram, torturaram, estupraram e mataram, tudo isso como forma de repressão contra aqueles que se posicionaram contra o governo.

Conclui-se que a psicanálise de Freud (1975), Foucault (1987), Selimamm-Silva

(2000), Rudge (2006), foram de suma importância para responder o que é trauma, encontra-se através de suas perspectivas teóricas as marcas de trauma que aparecem na obra *Há vinte anos, Luz* de Elsa Osorio, e confirma-se que trauma é uma ferida da memória, que a memória traumática é como um “fantasma” que somente libertar-se através da linguagem oral e/ou escrita, que se denomina por testemunho. Pode-se afirmar que existem marcas de trauma na memória de Luz vivenciadas em sua primeira infância.

A pesquisa mostra um assunto que incomoda a muitos, o tema principal do romance, o sequestro dos (as) filhos (as) dos encarcerados na ditadura argentina, que deixou “marcas” traumáticas nas memórias das vítimas e até hoje nunca foram encontrados todas as crianças desaparecidas no regime, por conseguinte não se pode calar jamais, a ONG as “abuelas de la plaza de Mayo” segue lutando para encontrar esses “nenês” que nasceram nesse período de crueldades.

Dedico este artigo a todos (as) estudantes e profissionais que se posicionam por navegar nas áreas das ditaduras, das memórias relacionadas ao trauma e das literaturas de testemunho. Falar desse tema da ditadura é uma forma de tirar a venda dos olhos das pessoas que desconhecem essa dura realidade, visto que foi contada tão bem em uma obra ficcional de Elsa Osorio em *Há Vinte anos, Luz*.

REFERENCIAS

ACOTTO, Ana Inés López. **Caminos hacia la memoria, la verdad y la justicia**. Lunes 15 de Septiembre de 2014. <http://www.thesis11.org.ar/caminos-hacia-la-memoria-la-verdad-y-la-justicia/>. Acesso dia 13 de julio de 2016.

BARBOSA, Regilane Maceno. **Memórias do trauma e as relações de gênero em Ha vinte anos, luz, de Elsa Osorio**. Mestranda no Curso de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí (Uespi).

KUCINSKI, Bernardo. TRONCA, Ítalo. **Pau de arrara: a violência militar no Brasil: com apêndices documentais**. Notas e versão direta do português por Flávio Tavares. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FREUD, S. “**Jenseits des Lustprinzips**”, em: Studienausgabe, vol III, Psychologie des Unbewußten, Frankfurt a. M.: Fischer Verlag, 1975, pp. 239 e sg.

FRIEDLANDER, Saul. (org.) **Probing the Limits of Representation: Nazism and the “Final Solution”**, Cambridge, London: Harvard UP, 1992, p. 2. 4.

NUNES, Alex Sampaio. BARROS, César Marco Correia. SILVA, João Marcelo C. Leal da. **Ditadura Militar Tempo de Epifania**. Colégio São Francisco de Sales – Diocesano. Teresina, 2005.

OSORIO, Elsa. **Há vinte anos, Luz**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

PINSKY, Jaime. **História da América através de textos / seleção, organização e introdução Jaime Pinsky. [et al.]** 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

Repórter Patagonia Rio Negro. **Una novela que le introduce Luz a una época de oscuridad.** <http://reporterpatagonia.com/site/index.php/libros-y-noticias-culturales/1670-una-novela-que-trae-luz-a-una-epoca-de-oscuridad>. Creado en 22 Septiembre 2014. Asesado en 14 de junio de 2016 a las 09:21h.

RUDGE, Ana Maria. **Traumas.** São Paulo: Escuta, 2006.

SALGUEIRO, Wilberth. **O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap).** (Artículo publicado em 18/05/2012). <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/salgueiro-wilberth-considerac3a7c3b5es-em-torno-do-testemunho.pdf> (Acesso 13/07/2016 às 9:50h).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Catástrofe e representação.** São Paulo: Escuta, 2000.

SILVA, Raysa Luana da. **A questão da memória em narrativas de testemunho.** *THE MATTER OF THE MEMORY IN THE TESTIMONIAL LITERATURE.* UFMS – CPTL. Revista do SELL v. 4, no. 2 ISSN: 1983-3873

SOTO, María Eugenia Osorio. **De la historia oficial a la historia individual:** Testimonio y metatestimonio en *A veinte años, Luz* [1998] de Elsa Osorio. Este artículo es un resultado parcial del proyecto titulado “Voces subalternas y discursos sobre el cuerpo en la narrativa postmoderna hispanoamericana”, inscrito en el Grupo de Estudios Literarios –GEL–, Facultad de Comunicaciones, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia. Recibido: agosto 12 de 2010 | Aprobado: mayo 14 de 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

